A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 3 | 15 DE JANEIRO | 1893

RAINHA D. MARIA PIA

Por tal arte soube a Senhora Dona Maria Pia avassalar todos os corações bem formados que, em Sua Magestade, se dá o caso de ser duas vezes Rainha: — *et par droit de naissance et par droit de conquête.*

Chega, no povo portuguez, á idolatria a religião do Bem. Por isso encontra n'elle adoração sincera, fanatica por vezes, quem seja a personificação da Bondade.

Desde o primeiro instante em que pisou terra lusitana, — e já lá vão bons trinta annos — a gentilissima Princesa de Saboya conquistou a geral e respeitosa sympathia com o só condão da ingenita candura, que a sua juvenil e peregrina physionomia deixára logo transparecer. A sympathia é a ceara de que a bondade é a sementeira, e a maturação da sympathia é o amor.

Esse *throno d'amor*, prognosticado por Castilho,

«em nova Italia os ceos throno d'amor te erigem»

esse throno, gigantesco já e já inderrubavel, foi-o a nação, em que a Rainha Pia encontrou depressa a baga do *Lotus*, levantando degrau a degrau, com o enternecimento, sempre crescente, pelas excelsas virtudes da esposa d'El-Rei D. Luiz, — virtudes que muito subjugam tambem por andarem engastadas no mais donairoso vulto feminino do nosso tempo.

Donairoso disse, e não é tudo.

Quantas vezes, embevecido na silenciosa contemplação da esbelta figura d'essa Rainha, cuja implacavel elegancia tem feito empallidecer as mais fulgidas estrellas da vasta constellação feminina das côrtes europeas, quantas vezes, na mudez de uma admiração reverente pelos contornos graciosamente incoerciveis d'essa Augusta Senhora, que *exhala* Magestade com despreoccupação apenas comparavel á do Sol irradiando Luz, quantas vezes me tenho surprehendido a perguntar a mim mesmo se tão privilegiado e vaporoso ser não terá por base plastica, em logar d'estes vis azotes varios, de que todos somos formados, alguma coisa tão incorporea como o imponderavel ether sonhado pelos physicos, ou, quando muito, se o *substractun* de tão filigranada e vívida architectura não será essa estranha substancia, que parece a negação da densidade e a que se deu o nome de *materia radiante*. Ha n'ella, com effeito, duas propriedades salientes, a de *caminhar sempre em linha recta* e a de *ser ao de leve phosphorescente*, que trazem á lembrança o caracter e o porte da Senhora Dona Maria Pia. Caracter firme, que não conhece obstaculos nem atalhos e sabe ser a linha recta a mais curta distancia entre dois pontos. Porte divinal, graciosamente ondulante, discretamente semeado de ineditos meneios e sempre envolto em um delicioso manto de suavissima fluorescencia.

De outras occasiões as minhas conjecturas perdem-se no pesquisar a lei de uma hereditariedade paradoxal. Como é, inquiro de mim para mim, como é que «uma fraca dama delicada» póde ser a descendente de uma raça de fortes, que, atravez de nove seculos, vem desde o primeiro Humberto até o ultimo Victor Manuel, essa virilidade em acção, que, com o ter muito de *Homo sapiens*, algo tinha de *Homo ferus*? E fico-me na hypothese de que a ultima rainha da Sardenha, a santa Maria Adelaide, ao sentir-se parasitada pelas raizes de um novo ente, se comprazera, enlevada em requintado ascetismo, no idealisar, rarefazendo-os, os tecidos da embryonaria princesa, mais tarde rainha de

Portugal. O mysticismo materno te-rlhe-ia dado as delicadissimas linhas, que indecisamente lhe desenham a garbosa figura. A heroicidade paterna inoculara-lhe a alma viril. E eis porque um espirito masculo se acha infiltrado n'um corpo de fada.

D'ahi, essa vibratilidade singular, tão caracteristica, da Rainha Dona Maria Pia. Vibratilidade, que, no semblante se atraiçoa por encantadora inconstancia, incapaz de bem se deixar prender nos raios da luz photographica, no andar se accusa por um como que sereno vôo sem azas e tantas outras vezes se subtrae a vistas menos penetrantes com o modalisar-se n'uma especie de fremito *totius substantiæ*. Vibratilidade, que, na esphera psychica, dá de si uma vontade ferrea, uma decisão prompta, uma acção energica e, de quando em quando, uma recondita tensão moral, — termo homologo do já alludido fremito.

A fria razão d'Estado, o duro jugo da pragmatica e as severas imposições do sexo, determinam que a potentissima energia moral da Senhora Dona Maria Pia tenha de jazer quasi latente, quando não haja de explodir em rasgos de beneficencia, grandiosos.

Quem d'esse forçado adormecimento, aqui e além cortado de benemeritas vigilias, concluir para uma ociosidade do espirito, mostrará desconhecer os principios da dynamica cerebral. O mesmo valeria apodar de indifferente o magnete, no qual tanta gente não mais enxerga do que a mesquinha habilidade de attrair o ferro ou a pouco mais levantada propriedade de, em commodo fulcro, se nortear no espaço.

Assim, uma Rainha, que só compra o direito de sentar-se n'um throno com o deixar-se manietar por fortes grilhões, tanto mais *obrigantes* e tanto mais *pesados* quanto são de ouro, vê a área da sua acção publica circumscrita em minusculo circulo. Quando essa realesa assente em pessoa moralmente pujante, o caso fará lembrar o de um *Harmonium*, saturado de potenciaes melodias, entregue a mãos quasi paralyticas. O triste do instrumento quedar-se-ha mudo ou pouco menos: uma ou outra nota isolada, ao sabor do capricho, que frouxamente feriu esta ou aquella peça do teclado; e notas as mais d'ellas em tremolo, quando não em surdina...

Ah! Quem só vir na Rainha, hoje viuva, a dulcissima morbideza com que, reclinada no seu *landau*, Sua Magestade se deixa passear por essas ruas ou a descuidosa indifferença com que assiste a um espectaculo, poderá pensar n'uma voluntaria hibernação da alma; como quem dos feitos da Augusta Senhora só chamar á collação os actos de beneficencia, poderá symbolisal-a exclusivamente n'uma angelical encarnação da Caridade.

Muito, muitissimo mais do que isso é a Rainha Pia.

Não me parece que o natural orgulho de

«Aquella que tem sempre allivios para as maguas,
Para a miseria o pão, balsamos para a dôr»

haja de contentar-se com a lenda de que, tirante a *Caridade*, de que entre nós é Sacerdotisa Maxima, nenhuma outra verba grandiosa tenha Sua Magestade a offerecer no seu Activo.

Tão áparte, tão individual é a personalidade ethica da aristocratica viuva de D. Luiz I, que na vasta galeria das suas regias antecessoras só lhe encontro analogias com D. Izabel de Aragão e D. Leonor de Lencastre.

Assim como a Rainha Santa, a Senhora Dona Maria Pia está no segredo da conversão de rosas em ouro, com a vantagem de que o seu regaço, a Kermesse da Tapada, foi bem mais amplo que o da mulher de D. Diniz, e as rosas metamorphoseadas não eram apenas as dos seus jardins, senão principalmente as da sua airosidade. Congraçou pae e filho, evitando fera batalha, a Rainha depois canonisada pela egreja. Congraçou pae e padrinho, a Rainha já beatificada pela nação; — que a dissidencia entre o primeiro Rei d'Italia e o ultimo Papa-rei não existia *in petto* e só se exhibia no tablado d'esse medonho *Pandemonium* chamado politica europea.

Anjo, archanjo, deusa até de caridade era-o, sem duvida, a que foi esposa do *Principe perfeito* e fundou o hospital das Caldas, a Misericordia de Lisboa e o mosteiro da Madre de Deus, onde, por gentil mando do Destino, se acha hoje o Asylo *Maria Pia*. Mas a piedade d'essa rainha, acaso incursa no que Spencer chama *the luxury of pity*, encontrava no erario do tempo facilidades desconhecidas á Senhora Dona Maria Pia, obrigada a semear sorrisos para colher cabedaes, e só compensada de tarefa tal com o vel-os reproduzirem-se miraculosamente. Pois que? Não ha um quanto de miraculoso n'esse cofre, melhor dito cornucopia, dos innundados, que não só bastou para accudir aos *hydratados* pelas innundações de 1876, como accudiu egualmente aos *anhydros* pelas seccas do Ceará, e tem servido e servirá por dilatados annos para enxugar rios de lagrimas, segregadas pela miseria, e para suscitar coros de alegria, entoados pela gratidão?

Ambas as rainhas, D. Leonor de Lencastre e D. Maria Pia, foram regentes do reino. De uma resam as chronicas o muito que fez em prol do paiz; da outra adivinham todos o que faria se não fôra instantanea a passagem do Astro pela orbita do Poder. Na sua tão ephemera como coruscante regencia não poude a Rainha viuva ir muito além da reedição da sua acrisolada piedade. A *vis* politica não teve ensejo de revelar-se. Ha porém indicidios de que se o 19 de Maio houvesse incidido n'um d'esses rapidos dias, o ousado Marechal não teria brandido no vacuo a sua prestigiosa espada.

A brevidade do espaço não comporta ladainha inteira das virtudes da Augusta Senhora, cujo medalhão reproduzimos. Não saberei todavia furtar-me á quasi obsessão de trazer á luz algumas scenas do pungentissimo drama passado no outomno de 89 e no qual a

Rainha Pia deixou rescender as mais exquisitas fragrancias da sua alma, tão deliciosamente matisada.

O mal, que havia de arrancar á vida El-Rei D. Luiz, recrudescera em Cintra e o monarcha, tedioso ainda mais do palacio que do clima, quiz ser transferido para Cascaes. Indefesso marinheiro, contava receber alli a suspirada theriaga, trazida pelas suas velhas amigas, as alterosas vagas. Ficára incerto o dia, mas certo ficára logo que só pela calada da noite se faria viagem tão aleatoria; — que a Rainha previa ser esse o modo unico de poupar ao regio esposo o rijo golpe de ler o seu triste horoscopo na contristada catadura do povo.

Soára o minuto da partida.

No paço de Cintra só não estavam então adormecidas nos seus aposentos as raras pessoas mais adstrictas ao tratamento do Augusto enfermo. A prodigiosa faina de pôr em andamento a complexa comitiva teve de ser realisada em quartos de hora e no mais absoluto silencio, pois qualquer ruido seria indiscreto. Como se dispuzesse de sobrenatural poder, a Rainha tudo obteve a tempo e horas.

A paraplegia não aconselhava outro vehiculo, do leito até á carruagem, que não fosse uma poltrona, sustentada por varaes, á laia de palanquim. A morbida phantasia suggerira ao esperançado e Real enfermo a idéa de envolver-se em purpurea tunica.

O prestito poz-se a caminho.

A physionomia d'El-Rei, usualmente serena até nos transes mais excruciantes da doença, toldara-se ao de leve, como para exprimir o receio de imprevisto accidente, que addiasse a ida ou de todo a frustrasse. No rosto, emmoldurado por loura barba em desalinho e empallidecido pelo flagellador soffrimento, passavam tons vermelhos, errados, em reverbero da luz sanguinea de archotes, que mais semelhavam brandões funereos; o tronco alcachinado, lembrava então o de um cardeal decadente; as pernas, pendentes, flacidas, balouçavam-se como pendulos asynchronicos, — errados tambem. O silencio d'aquella tetrica noite, que pertinazmente trazia á memoria a noite de Varennes, em que um outro Luiz, tendo por Anjo da Guarda não a maviosa italiana mas a bella austriaca, fugia á morte, já entrevista nas brumas do Terror, esse sepulchral silencio só era desmentido pelas notas graves, descompassadas, erradas tambem ellas, dos alentados passos dos serviçaes, que transladavam o semi-morto corpo, — notas, que ora ampliavam o seu sinistro effeito com o repercutirem-se cavamente nas frias e humidas abobodas de interminaveis corredores, ora se diluiam caridosamente no ar livre de vesgos pateos, infindos.

Comboiando a miseranda caterva, perpassava, como phantastica visão, a figura singular da Rainha.

Phanal unico n'aquella treva dos espiritos, era na sua regia pessoa que se concentravam todas as vistas, sequiosas de prescutar-lhe a vária intenção, em parte mudamente traduzida em um *nada* do olhar, n'um fugitivo gesto, n'uma quasi apagada voluta, circumscrevendo invisivel eixo. Quem lograsse sondar então os reconditos do animo da Senhora Dona Maria Pia, encontrára lá talvez, de mistura com a mais sublimada piedade de uma enfermeira desvellada, o secreto orgulho de poder, por extremos de affecto conjugal, dados no paço de Cintra, emmudecer n'aquelles recintos os echos das dores gemidas pelo primeiro marido de uma outra Senhora de Saboya, que fôra e tornára a ser Rainha de Portugal.

N'essa noite, o *Harmonium* soava em surdina...

Com os iniciaes clarões da aurora chegava El-Rei á cidadella de Cascaes e logo todos poderam vêr em dois exemplares a estrella d'alva: — um, crivado no firmamento, espargindo luminosas scintillações; outro, adejando em torno do monarcha e acalentando-o com os suaves carinhos de uma dedicação sem par.

Deserta estava a cidadella e de quasi tudo desprovida, — que o segredo da mudança não transpirára lá.

Subito, uma mulher, que era uma Rainha, saccode dos altivos hombros o manto da realeza e dá-se, de alma e coração, ao rude labor requisitado pelas urgencias do momento. Da penumbra da Rainha surgiu a *ménagère*. Que apuros de technica! Quanta prestesa de execução! Quem ousaria, ao vel-a no febril retesar d'um lençol ou no nervoso enfronhar de uma almofada, dizer que n'aquella singelissima personalidade estava transmutada em serva humilde a fidalga esposa do Rei? Dil-o-hia toda a gente, afinal; — que a Senhora Dona Maria Pia é Rainha *quand même!*

N'essa manhã, o *Harmonium* soava em tremolo...

De outras occasiões delicia-nos os sentidos e o espirito com os *allegros* do seu luxuoso trajar, que vale ainda menos pelo quintessenciado das fórmas, do que pela suprema arte com que é posto em acção. Minusculos censores, vezeiros na mentalidade astigmata, teem levado a mal que Sua Magestade não seja, em tal ponto, uma segunda Cornelia. Esquecem-se esses taes de que se não nasce impunemente no berço da Arte; traz-se sempre no sangue o genio do decorativo e sabe-se que jamais preciosa joia se ageitou com desprimoroso escrino.

Não lhe quer por isso mal o povo. Antes a estremece.

E com tal fetichismo a adora que, ao formar-lhe alas na sua passagem, cada qual, perante a Rainha Senhora Dona Maria Pia, — seraphico ser, que se diria cinzelado no phantastico *nihil album* de que são fabricados os anjos de Gustavo Doré — mentalmente ajoelhado, em plena anthropolatria, lhe diz, com a voz do coração, como se com os labios o dissera ante o altar da Mãe de Jesus:

Avé! Maria!

J. T. de Sousa Martins.

No proximo numero, o medalhão de S. A. o Sr. D. Affonso. Artigo do Major X * * *

POLITICA SEM POLITICA

Um dos casos da semana é a subita demissão do general Quintino de Macedo, commandante da 3.ª divisão militar (Porto), sendo substituido pelo general Moreira, commandante das Guardas municipaes.

Apura-se, quanto á citada demissão, que foi motivada pela falla dirigida pelo general Quintino aos seus officiaes, ao receber as suas felicitações pelo Anno Novo, falla que parece ter sido julgada, e talvez com razão, menos opportuna. Segundo os melhores auctores, o que o general portuense disse ás suas tropas foi, em substancia—que o dever militar consiste em servir e defender a patria e o poder constituido, qualquer que seja a forma da constituição.

Á primeira vista isto parece absolutamente correcto, e de facto o é quanto á doutrina.

Mas a que proposito vinha n'este momento a enunciação de principios... tão sãos?

Isto fez especie nas regiões officiaes, e d'ahi a demissão do sr. general Quintino... para averiguações.

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Na segunda-feira, durante o dia, houve o *five-ó-clock-tea* da sr.ª Viscondessa de Taveiro; á noite, o *raout* semanal nas esplendidas salas da sr. Condessa de Valbom e uma animada *soirée* dansante em casa do sr. Polycarpo Anjos; na quarta-feira, *matinée* em casa da sr.ª D. Anna Bernex de Serpa Pimentel.

Digam-nos se, depois d'estas successivas festas, á nossa sociedade elegante se póde applicar com justiça a classificação que serviu de titulo á formosa comedia de Pailleron — *A sociedade onde a gente se aborrece?* De modo algum.

Em todas essas recepções se reuniu sempre um grupo escolhido de senhoras, que attrahiam a vista pelos dotes da sua formusura e elegancia das suas *toilettes* e encantavam o espirito pelas delicias da sua conversa.

Na *soirée* do sr. Polycarpo Anjos, que terminou ás tres horas da madrugada, e na qual se dansou animadamente, havia as mais lindas *toilettes*. Destacava-se, porém, d'entre ellas a que trajava a sr.ª D. Alice Franco Ribeiro: saia adamascada de ramagens indianas em fundo preto e corpo de *surah* amarello com largas mangas tufadas de velludo verde *ombré*. Era elegantissima esta *toilette*, feita em Paris, *l'arsenal des toilettes*, como dizia Madame de Girardin. E n'ella realçava a formosura d'aquella senhora, uma das mais esbeltas da nossa sociedade e das que n'uma sala mais se distinguem pela correcção mimosa das suas feições e pela graça attrahente das suas maneiras.

No *five-ó-clok-tea* da sr.ª Viscondessa de Taveiro estiveram, entre outras, as senhoras:

Baroneza de Goedel Lannoy, Madame Veraeghe, Madame Costa Motta, Marqueza da Foz, Condessas de Seisal, de Magalhães, da Foz, da Cunha Mattos, das Antas e de Bobone, Viscondessa de Valmor, D. Marianna de Castro Guimarães, D. Antonia de Magalhães, D. Thereza Berquó, D. Amelia Ulrich Cardoso, D. Maria Francisca de Almeida (Mossamedes), D. Eugenia de Almeida e Vasconcellos (Lapa), D. Margarida Queiroz, D. Cecilia Vanzeller de Castro Pereira, D. Amelia Vanzeller, D. Cecilia Vanzeller, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho (Redondo), D. Sophia Castello Branco (Bellas), D. Bertha Ramalho Ortigão, D. Clara Vianna e filha, D. Rosalina Pinto Coelho, D. Ernestina Iglezias Vianna, D. Laura Mendes da Silva, D. Thereza Teixeira de Queiroz e filhas, D. Maria Plantier, D. Amelia Mayer e filha, Madame Romero, D. Fernanda Bergaro, D. Elvira de Noronha, D. Maria Ferreira Pinto Basto, D. Maria Guerra Quaresma Vianna, D. Rita de Carvalho e filha, D. Alice Franco Ribeiro (Falcarreira).

No *raout* da sr.ª Condessa de Valbom as senhoras:

Marquezas de Fronteira, de Sabugosa, de Oldoini, Condessas de Sabugosa, de Bertiandos, de Sabugal, de Gouveia, Viscondessas de Castello Novo, de Andaluzia, Baroneza de S. Pedro, D. Anna de Serpa, D. Maria Palha, D. Maria Domingas Belmonte, D. Francisca Pereira, D. Patrocinio Palha Van-Zeller D. Maria Penafiel, D. Maria e D. Thereza de Mello (Sabugosa), D. Maria Isabel O'Neill, D.

FOLHETIM

CARTAS DE CARLOS A JOANNINHA

III

Julia levantou finalmente para mim os seus olhos humidos, assombrados das mais longas e assedadas pestanas que ainda vi em olhos de mulher, e disse-me:

—«Carlos, eu estou triste. Devia consolar-me; diga-me alguma coisa que me console. Falle-me.»

—«Que heide eu dizer?...»

—«É um cavalheiro, Carlos: diga-me que o é, e desassombre-me d'este terror em que estou.»

—«Pois duvída, Julia?...»

—«Não duvído. Queremos-lhe todos muito aqui... muito demais... receio: como havemos de duvidar?»

—«Oh Julia, perdoe-me!» exclamei eu lançando-me a seus pés, tomando-lhe as mãos ambas nas minhas, e beijando-lh'as mil vezes n'um paroxysmo de verdadeira contricção. «Perdoe-me, Julia: bem sei que fiz mal, e prometto...»

—«Não prometta nada, senão que hade ser cavalheiro. Isso sei eu e sinto que o póde cumprir.»

—«Juro por... por ella.»

—«Ella!... Ella ama-o, Carlos. É melhor dizer a verdade de uma vez, e encarar todas as consequencias de uma posição difficil, do que illudir se a gente sem as evitar. Laura ama-o, mas não deve nem póde amal-o. Se fosse livre, não sei o que diria — não sei o que faria eu... Mas não se trata de mim» — proseguiu com volubilidade febril — «não se trata de mim, Carlos, trata-se d'ella. Laura não o póde amar, está compromettida. Hade partir em tres mezes para a India.»

—«Para a India!»

—«Sim: é verdade: vel-o-ha. O seu noivo é capitão ao serviço da companhia, e parte em casando.»

Eu sentia-me morrer o coração dentro do peito: foi a primeira dôr verdadeira d'alma que soffri... Aquelle era o primeiro amor sincero da minha vida, e aquella foi tambem a primeira excruciante pena d'amor por que passei.

Eu que de taes penas zombára sempre, que as desterrava da realidade para os romances, eu!... Ai! que poeta ou que novelista soube nunca pintar um padecer como eu experimentei n'aquella hora?

Maria Luiza de Sá Pereira, D. Margarida Cantagallo, D. Maria Anna Andrade de Castro Guimarães, D. Amelia Mayer, D. Maria Joaquina Ornellas e filhas, D. Margarida Mayer, D. Maria Izabel Palmeiro Ennes, D. Amelia Berquó, D. Cecilia Vanzeller, D. Amelia Ulrich Cardoso, D. Maria Anna de Sousa Coutinho de Serpa, D. Maria Leopoldina de Tovar.

*

Na *soirée* do sr. Polycarpo Anjos as sr.as:

D. Mathilde Pinheiro de Mello, Condessa de Valenças, D. Rachel e D. Celeste Anjos Jardim, D. Amelia Burnay de Morales, Condessa de Almedina, D. Luiza Guedes, Viscondessa de Falcarreira, D. Alice Franco Ribeiro, D. Joana Hintze Ribeiro, Condessa de Magalhães, D. Antonia Magalhães, Viscondessa de Taveiro, D. Maria Mayer, D. Amelia Mayer, D. Margarida Mayer, Madame Deslandes, D. Carolina Pessoa d'Amorim, D. Maria d'Assumpção Pessoa d'Amorim, D. Sophia de Moser, D. Guilhermina Bastos, D. Emilia, D. Maria, D. Christina e D. Bertha Bastos, D. Adelaide dos Anjos, D. Luiza dos Anjos, D. Leonor Anjos, Shirboy, D. Josephina Castel Branco Ribeiro da Cunha, D. Adelaide Santos, D. Margarida Chaves Santos Silva, D. Mathilde d'Andrada Santos Silva, D. Maria do Carmo Santos, D. Elisa Santos Bastos, Madame Lopes e sua filha, Madame Hussla, D. Laura Peteres, D. Cecilia Batalhoz Ribeiro, D. Fanny e D. Christina Munró, D. Rita de Barros Gomes, D. Clara de Barros e Sá, D. Thereza David de Queiroz e suas filhas, D. Emilia Oliveira Soares e sua filha, D. Eugenia Bruges.

*

Na terça-feira, pouco depois do meio dia, falleceu n'um quarto do hotel Bragança, victima de uma tisica pulmonar, o Conde Fossati Reineri, encarregado dos negocios da Italia.

Ha muitos dias que o illustre diplomata se achava gravemente enfermo. A sua debil compleição não podia resistir a qualquer accidente, e bastou um ligeiro resfriamento para logo se determinar a terrivel doença a que succumbiu.

Causou verdadeira magua a morte do Conde Fossati. Homem da sociedade e com todos os predicados de um espirito culto e de uma educação esmerada, a sua convivencia tornou-se muito apreciavel, não só entre os seus collegas, como nas salas da nossa sociedade elegante, onde alcançou em pouco tempo as mais cordeaes sympathias.

Pertencia o Conde Fossati a uma das mais antigas e mais nobres familias de Piemonte. Alistando-se na carreira militar, onde serviu briosamente no regimento de Granadeiros de Sardenha, resolveu depois seguir a careira diplomatica, desempenhando as funcções de secretario de legação em Tanger, Paris, Berlim, Vienna d'Austria, Buenos Ayres e Lisboa.

Durante a sua enfermidade em Lisboa, o Conde Fossati teve no modo porque toda a gente se interessava pelo seu estado de saude uma das provas da sympathia que entre nós alcançára. El-Rei, a Rainha e a Rainha sr.a D. Maria Pia informavam-se repetidas vezes do estado do doente.

No dia em que falleceu, o Conde Fossati teve, como todos os que succumbem áquella enfermidade, a fagueira illusão de que estava melhor! O seu primeiro cuidado foi dictar e assignar uma carta a Sua Magestade a Rainha, sr.a D. Maria Pia, agradecendo-lhe todas as demonstrações de estima que lhe havia dado durante a doença. Esperava ir em breve agradecer pessoalmente á augusta soberana.

Alguns minutos depois, sentiu-se desfallecer, e, recolhido de novo ao leito, o Conde expirou serenamente, sem ancias nem convulsões de agonia.

GRAZIEL.

Anniversarios da semana

Domingo 15 — As sr.as: D. Eugenia Celestino Soares, D. Carolina Le-Cocq, D. Laura Moura Borges, D. Luiza Borralho Ivens, D. Maria de Assumpção Lages Perestrello.

E os srs.:

Barão de Alcantarilha, Antonio Heredia (Ribeira Brava), D. Antonio Zarco da Camara (Ribeira), José Adriano Teixeira de Sá Mourão e Menezes da Silva Canedo, Frederico James, Julio Lami, Marianno Cyrillo de Carvalho Junior, Ornellas de Mattos, Antonio Marques Aranha.

Segunda-feira 16 — As sr.as: Viscondessa de Moraes Sarmento, Baroneza de Sande, D. Maria José Correia de Vasconcellos (Riba Ta-

---

Não sei o que fiz nem o que disse; não me recordo senão que senti as lagrimas de Julia cahirem-me sobre a face e misturarem-se com as minhas que corriam em abundancia. Levantei os olhos para ella, e a expressão que vi nos seus... oh! como a heide esquecer nunca?

Quanto ha de piedade e compaixão no thesouro infinito de um coração feminino se derramava d'aquelles olhos celestes para me consolar. Lá não ficava senão uma tristeza profunda, desanimada e mortal...

Não sei que vago pensamento, que idéa louca... ou antes, que presentimento indeterminado e confuso me atravessou pelo espirito — ou seria pelo coração? — n'aquelle momento...

Se Julia?...

Mas não póde ser.

—«Julia, Julia», bradei eu, «quero vêl-a: heide vel-a uma vez ao menos. Não me negue este ultimo favor. Sei que devo, que preciso, que é forçoso fugir d'ella. Mas antes heide dizer-lhe...

—«O quê?...

—«Que a amo como nunca amei, como nunca mais heide amar...»

—«Ai Carlos!»

—«Que para sempre, sempre...»

Julia levantou-se sem dizer palavra, e lançando sobre mim um olhar de ineffavel compaixão, sahiu rapidamente do quarto.

Achei-me só, não sei o que pensei nem se pensei. Sentia me aturdido da cabeça, exhausto do coração — n'uma depressão d'espirito que tocava na estupidez. Se me apontassem uma pistola aos peitos, não levantava o braço para a arredar... Já não sentia pena nem desejo. Parecia-me que começava a morrer; e não achava que morrer custasse muito.

N'este estado fiquei não sei que tempo; muito não foi. Percebi que se abria a porta, não tive força para levantar os olhos. Até que senti uma doce e querida mão na minha... era Julia... e era Laura tambem... santo Deus! que estavam ao pé de mim ambas.

Julia tinha a minha mão na sua; e Laura encostada ao hombro da irmã, deixava cahir sobre mim aquelles olhos em que a severidade habitual se tinha relaxado n'uma indulgencia tão doce, n'uma compaixão tão celeste que, juro por Deus, n'aquella hora acreditei firmemente que tinha deante de mim dois anjos seus, baixados nas azas da piedade divina para me trazer todo o perdão, toda a misericordia do céo á minha alma.

Como te direi eu, Joanna, querida Joanninha, como te direi a ti que me amas, a ti que eu amo — porque te amo, e Deus me castigue que deve! porque te amo, cégamente te amo com este infame e abominavel coração que Elle me deu — como te heide eu dizer a ti, e para quê, as palavras que alli dissemos, os protestos que alli fiz, os juramentos que alli se deram, as promessas que alli foram trocadas?

mega), D. Maria do Carmo Falcão de Bourbon de Menezes d'Azevedo, D. Maria Joanna de Lemos Pereira de La-Cerda Sant'Iago.

E os srs.:

D. Americo Ferreira dos Santos Silva, cardeal bispo do Porto, D. Manuel d'Almeida e Lencastre Ximenes (Souto d'El-Rei), Salomão Seruya, Zacharias d'Aça.

Terça-feira 17 — As sr.as: Marqueza de Niza, D. Mària Christina Borges de Castro.

E os srs.:

Visconde de Ferreri, João Aranha de Sousa e Menezes, Dr. Julio Augusto Henriques.

Quarta-feira 18 — As sr.as: D. Maria Anna Cyrillo Machado, D. Maria da Luz Patricio Alvares, D. Maria Bernardina d'Oliveira Pinto da França, D. Maria Paula Sodré Pereira da Costa Freire, D. Beatriz de Sousa Couceiro Potsch, D. Sophia Vaz Guedes Pinto Coutinho.

E os srs.:

José Maria Berquó, Dr. João Santos, Constantino Julio d'Azevedo e Silva.

Quinta-feira 19 — As sr.as: Condessa de Castro (D. Carlota), D. Laura Cesariana Iglezias.

E os srs.:

D. Carlos da Camara Leme, Manuel Eduardo Martins, Dr. Antonio Joaquim Araujo Zuzarte de Campos, Antonio Portocarrero da Camara Mello Cabral.

Sexta-feira 20—As sr.as: Viscondessa de Rio Sado, D. Libania Rita de Lacerda da Camara Manuel, D. Maria Alincourt Braga, D. Maria Elvira de Campos Valdez, D. Clotilde Harrington.

E os srs.:

Visconde de Proença Vieira, D. Fernando de Noronha (Atalaya), D. José Maria Carlos de Noronha, D. Nuno de Mendóça (Azambuja), D. João Xavier da Silva Lobo, Dr. José Maria da Fonseca Regalla, João Pizarro Portocarrero.

Sabbado 21— As sr.as: D. Anna de Sá Pereira, D. Elisa Ferreira dos Santos Silva, D. Henriqueta Maria Pires da Silveira Macedo, D. Julia de Faria, D. Maria Pilar Corvo, D. Maria Anna d'Almeida Palmeiro Pinto Caldeira.

E os srs.:

Cardeal Patriarcha de Lisboa, Conselheiro Antonio Emilio Correia de Sá Brandão, Antonio de Moura Borges, José Joaquim Abrantes, Augusto Potier Alvares.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

O QUARTO DE CAMA

Assim como no mesmo sacco se não combinam — segundo diz o adagio — a honra e o proveito, assim n'um bom quarto de cama — segundo affirmam os especialistas — se não dão os requintes do luxo com as exigencias da hygiene.

E veja-se o que sobre este assumpto prescreve pessoa muito entendida:

O quarto da cama deve ser simples, claro, pouco mobilado, sem tapetes nem alcatifas. São os estofos pesados e fortes que mais absorvem a poeira e os miasmas deleterios.

As paredes devem ser forradas a papel d'uma côr suave á vista. O leito collocado de modo que em torno d'elle circule livremente o ar. O uso dos cortinados, tanto no leito como nas janellas, está hoje reprovado pelos hygienistas mais conceituados.

Nada de *bibelots*, nem de cadeiras estofadas, que contribuem para prejudicar a limpidez e pureza da atmosphera exigidas n'um bom quarto de dormir. Além de um ou dois moveis simples, indispensaveis para guardar certas cousas preciosas, como rendas, joias, lenços finos, luvas, fitas, leques, etc., apenas uma *chaise-longue*, para um caso de doença.

Podem collocar-se na parede alguns retratos, algumas photographias, mas em numero restricto. Flôres, quantas menos melhor, e, ainda assim, com a condição de serem retiradas do quarto ao cahir da noite.

Aconselha um hygienista notavel que a mobilia de um quarto de cama deve ser de carvalho ou de cerejeira.

Quando se não fôr obrigado a estar no quarto de dormir durante o dia, conservem se-lhe as janellas abertas. No caso, porém, de ser habitado, abram-se as janellas ao menos uma hora antes da pessoa se ir deitar.

«Não se trabalhe no quarto de dormir — dizia Raspail — Deixem circular n'elle o ar durante todo o dia.»

É tambem muito conveniente que o quarto de cama seja bem illuminado pelo sol. Oppõem-se a que assim succeda os estofos dos cortinados com que se adornam as janellas, obedecendo-se mais ás imposições do estofador do que ás prescripções do hygienista.

Bem reconhece D. Clara que os seus salutares conselhos prejudicam as exigencias do luxo e da elegancia. Mas D. Clara não préga para *Ninon* e sim para *Cornelia*.

EPHEMERIDES SEMANAES

8 — Chuvas torrenciaes. Varias innundações na cidade.

— Arrombamento e tentativa de roubo na egreja de N. Sr.a d'Ajuda.

— Na cadeia do Limoeiro o *Marujinho* tenta assassinar o *Bebidas*, suicidando-se em seguida.

— Canta-se em S. Carlos a *Carmen*, cujo desempenho desagrada.

9 — O sr. José Dias Ferreira dirige um officio á Presidencia da Ca-

---

Julia foi para a janella — indulgente chaperão que nos não via e fingia não nos ouvir. O dia passou-se assim, um longo dia de junho que tão curto e rapido nos pareceu. Era noite quando fomos jantar.

Á mesa Laura appareceu em trajos de viagem: partia n'aquella noite para o paiz de Galles onde tinha uma amiga, com quem ia estar até o dia terrivel, e preparar-se para elle, me disse, longe de mim, no seio da amizade.

Imagine-se aquelle jantar. Nem comer fingiamos. Ao sahir da mesa achámos á porta da casa a caleche posta, o cocheiro na almofada, e o creado á portinhola. Montámos, as tres irmãs e eu.

Eram duas milhas d'alli á estalagem onde tocava a malla-posta e onde Laura devia encontrál-a. Fizemol-as sem proferir palavra nenhum dos quatro.

A lua ia grande e bella com sua luz triste e fria por um céo sem nuvens. Era uma d'aquellas noites raras, mas admiraveis do breve estio britannico.

A areia que rangia com o attrito das rodas da carruagem nas lisas ruas do parque, os ramos descahidos das arvores por que roçavamos levemente ao passar, os veados mansos que se levantavam para nos vêr — os phaesães que erguiam seu rasteiro vôo de moita para moita ao sentir o estalido do chicote, com que o cocheiro mais moderava do que excitava os seus cavallos, tudo para mim eram impressões de nunca sentida e inexplicavel tristeza. Ficava-me a alma apoz tudo aquillo, sentia fugir-me a felicidade para sempre, e que era eu que a afugentava, e que me ia encontrar só, desamparado e proscripto no deserto da vida.

Não me sentia força para blasphemar, para maldizer de Deus, senão tinha-o feito.

Tinha: e outras ancias mais angustiadas e mortaes me tem afflicto na vida; em nenhuma me senti tão capaz de renegar de Deus e descrer d'elle como n'esta.

Sería effeito de sua inexhaurivel piedade que talvez quiz accudir á minha alma antes que se perdesse, seria por certo — pois n'esse mesmo instante distinctamente me appareceu deante dos olhos d'alma a unica imagem que podia chamal-a do abysmo: era a tua, Joanna! Era a minha Joanninha pequena, innocente, aquelle anjinho de creança, tão viva, tão alegre, tão graciosa que eu tinha deixado a brincar no nosso valle: o nosso valle rustico, tão grosseiro e tão inculto! oh como as saudades d'elle me foram alcançar no meio d'aquellas alinhadas e perfeitas bellezas da cultura britannica! Os raios verdes de teus olhos, faiscantes como esmeraldas, atravessaram o espaço, e foram luzir no meio d'aquell'outros lumes que me cegavam. A esteva brava, o tojo aspero da nossa charneca mandavam-me ao longe as exhalações de seu perfume agreste, e matavam o suave cheiro do feno macio d'essas relvas sempre verdes

mara dos deputados partecipando, para os effeitos legaes, que deseja renunciar aos diplomas de deputado por Penacova e por S. Thomé.

— Noticia-se que o Rei Humberto virá proximamente a Lisboa.

10 — Fallecimento do Conde Fossati Reineri, encarregado dos negocios de Italia.

— O sr. Frade de Almeida assume a direcção da Alfandega de Lisboa.

11—Chegada a Lisboa do sr. D. Thomaz Coll, ministro da Republica de Salvador.

12 — Conselho de ministros e assignatura Real.

—Recepção do novo ministro da Italia, marquez de Spinola.

— Exoneração do General Quintino de Macedo do commando da 3.ª divisão, sendo substituido pelo general Moreira, commandante das Guardas Municipaes.

— Jantar offerecido no Hotel Central ao dr. Manuel Bento de Souza pelos seus collegas e admiradores. São 95 os convivas. Preside o dr. Bombarda vice-presidente da Sociedade de Sciencias Medicas.

13 — Chegada a Lisboa do general brazileiro Abreu Lima.

— Apresentação na camara dos pares dos relatorios impressos da commissão de inquerito á companhia real dos caminhos de ferro.

— A Camara municipal de Lisboa entrega nas mãos do presidente da camara dos pares uma representação contra a reforma das obras publicas.

14—Annuncia-se a nomeação do sr. Marquez de Bendana como ministro de Hespanha em Portugal.

—Morre em Coimbra o Dr. José Falcão, Lente da faculdade de mathematica e um dos chefes do partido republicano.

— Sua Magestade a Rainha passa a manhã distribuindo esmola, aos pobres no bairro do Conde de Soure.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Em cada opera que canta tem Regina Pacini um triumpho.

Os espectadores de S. Carlos, que tanto a applaudiram a semana passada na *Somnambula*, fizeram-lhe na quinta-feira uma ovação egual, quando a ouviram cantar no *Barbeiro de Sevilha*. É que na realidade é hoje difficil, se não impossivel, encontrar quem melhor interprete a parte de *Rosina* A graça e delicadesa da figura, a animação da physionomia, a naturalidade dos gestos reunem-se em Regina Pacini ás excepcionaes qualidades da sua garganta. A sua voz, que ella emitte com uma facilidade prodigiosa, sempre limpida, clara, crystalina, presta-se perfeitamente para dar todo o realce e todo o encanto no papel da graciosa pupilla de *D. Bartolo.*

Regina cantou admiravelmente durante toda a opera; mas quando, chegada a scena da licção no 3.º acto, cantou as formosas e difficeis variações de Proch, o publico sentiu-se verdadeiramente arrebatado e levantou-se n'um impulso de enthusiasmo, victoriando a gentil e insigne *prima-dona* com os bravos mais expontaneos e com a mais calorosa salva de palmas.

Ovações tão significativas como a que teve Regina Pacini não se repetem muitas vezes no nosso theatro lyrico, e só se teem feito a artistas, como Adelina Patti e Seembrich, que tinham a sua reputação consagrada nos melhores theatros do mundo.

Rua dos Condes

Na quarta-feira realisou-se com a *reprise* do *Burro do Sr. Alcaide* a festa artistica de Cinira Polonio.

A gentil e graciosa artista foi muito applaudida e chamada ao proscenio no final de todos os actos.

O theatro estava lindamente enfeitado.

SPECTATOR.

O TEMPO

ÁS 9 HORAS DA MANHÃ

Dias	Pressão	Temperatura 9 h. m.	Temperatura Max.	Temperatura Min.	Evapor.	Ozone	Céo	Mar	Vento
7	—	—	16,1	8,9	—	—	—	—	—
8	745,9	14,0	16,0	10,0	0,4	10,0	Enc. ch.	M. temp.	SSE. m. forte
9	755,3	9,5	13,1	9,3	0,6	6,0	M. nub.	Agitado	N. m. fraco
10	758,2	7,5	14,1	6,1	0,3	3,7	Enc. nev.	—	NE. moderado
11	752,2	10,4	12,5	9,3	0,3	10,0	Encob.	Agitado	ESE. mod.
12	750,1	9.2	11,0	6,4	1,5	7,8	Encob.	Peq. vaga	NE. fresco
13	760,6	5,5	11,3	4,1	0,6	4.0	Encob.	Plano	ESE. m. fraco
14	765,4	7.0	—	—	—	—	Limpo	Peq. vaga	NNE. mod.
Méd.	755,3	9,0	16,1	4,1	5,2	5,9	—	—	—

BOLETIM OBITUARIO

SEMANA DE 1 A 8 DE JANEIRO

Causas	1893	1888	1889	1890	1891	1892
Tuberculose pulmonar	27	25	21	36	24	13
Tuberculose outras	10	7	15	15	14	8
Lesões do coração	8	12	9	20	12	15
Apoplexia cerebral	11	20	12	19	9	4
Bronchite aguda	7	19	9	27	5	24
Pneumonia aguda	19	13	19	59	17	4
Febre typhoide	3	4	—	1	1	3
Variola	—	20	1	5	28	—
Diphteria	1	2	1	—	—	—
Cancro	6	4	3	1	1	—
Debilidade congenita	6	7	5	8	6	10
Outras causas	48	27	23	40	50	55
Total	146	160	118	231	167	136
Nascidos mortos	22	14	6	20	15	22

---

que me rodeavam. As folhas crespas, seccas, alvacentas das nossas oliveiras como que me luziam por entre a espessura cerrada da luxuriante vegetação do norte, promettendo-me paz ao coração, annunciando-me o fim de uma peleja em que m'o dilaceravam as paixões.

E tu, Joanna, tu, pobre innocente, desvalida creancinha, tu apparecias-me no meio de tudo isso, estendendo para mim os teus bracinhos amantes como no dia que me despedira de ti n'esse fatal, n'esse querido, n'esse doce e amargo valle das minhas lagrimas e dos meus risos, onde só me tinha de correr os poucos minutos de felicidade verdadeira da minha vida, onde as verdadeiras dôres da minha alma tinham de m'a cortar e destruir para sempre...

Oh! de quê e como é feito o homem, para quê e porque vive elle? Que vim eu, que vimos nós todos fazer a este mundo?

Eu sentado alli nas almofadas de seda d'aquella esplendida e macia carruagem, rodeado de tres mulheres divinas que me queriam todas, que eu confundia n'uma adoração mysteriosa e mystica — cégo, louco d'amores por uma d'ellas, no momento de lhe dizer adeus para sempre... eu tinha o pensamento fixo n'uma creança que ainda andava ao collo! — Revendo-me nos olhos pardos de Laura que eu adorava, eram os teus olhos verdes que eu tinha n'alma! Os sentidos todos embriagados d'aquelle perfume de luxo e civilisação que me cercava,—era o nosso valle rustico e selvagem o que eu tinha no coração...

Oh! eu sou um monstro, um aleijão moral devéras, ou não sei o que sou.

Se todos os homens serão assim?

Talvez, e que o não digam.

Joanna, minha Joanna, minha Joanninha querida, anjo adorado da minha alma, tem compaixão de mim, não me maldigas, não quero que me perdoes, nem tu nem ninguem, que o não mereço: mas que tenhas dó e lástima de mim.

Ai! que isso mereço eu, oh sim.

Deixa-me parar aqui. Falta-me o animo para me estar vendo a este terrivel espelho moral em que jurei mirar-me para meu castigo, d'onde estou copiando o horroroso retrato de minha alma que te desenho n'este papel.

Sabia que era monstro, não tinha examinado por partes toda a hediondez das feições que me reconheço agora.

Tenho espanto e horror de mim mesmo.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Typ. Christovão — R. S. Paulo, 60

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1